

lua nova



# lua nova

STEPHENIE MEYER

TRADUÇÃO DE RYTA VINAGRE



Copyright © 2006 Stephenie Meyer  
Publicado mediante acordo com  
Little Brown and Company, Nova York, NY, EUA.  
Todos os direitos reservados.

*Título original*

New Moon

*Capa*

Gail Doobinin

*Adaptação do projeto gráfico*

Angelo Bottino

*Diagramação*

Ilustrarte Design e Produção Editorial

*Revisão*

Liciane Guimarães Corrêa

Umberto Figueiredo Pinto

Maria da Glória de Carvalho

*Imagem da capa*

John Grant/Getty Images

*Foto da autora*

Karen Shell

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M561L

Meyer, Stephenie, 1973-

Lua nova / Stephenie Meyer ; tradução de Ryta  
Vinagre. — Rio de Janeiro : Intrínseca, 2008.

Tradução de: New moon  
ISBN 978-85-98078-35-9

I. Ficção americana. I. Vinagre, Ryta. II. Título.

08-3269.

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

[2008]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua dos Oitis, 50

22451-050 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Telefone: (21) 3874-0914

Fax: (21) 3874-0578

www.intrinseca.com.br

*Para meu pai, Stephen Morgan.*  
*Ninguém um dia recebeu mais amor e apoio incondicional do que eu tive de você.*  
*Eu também amo você.*





# SUMÁRIO



PRÓLOGO	11
1. FESTA	13
2. SUTURA	35
3. O FIM	53
4. O DESPERTAR	85
5. TRAPAÇA	105
6. AMIGOS	119
7. REPETIÇÃO	135
8. ADRENALINA	151
9. TRIÂNGULO	167
10. A CAMPINA	185
11. CULTO	205
12. INVASÃO	225
13. ASSASSINO	241
14. FAMÍLIA	259
15. PRESSÃO	273
16. PÁRIS	289
17. VISITANTE	303
18. O ENTERRO	321
19. CORRIDA	337
20. VOLTERRA	353
21. VEREDICTO	367
22. VÔO	385
23. A VERDADE	397
24. VOTAÇÃO	415
EPÍLOGO: PACTO	437



*E*stas alegrias violentas têm fins violentos  
Falecendo no triunfo, como fogo e pólvora  
Que num beijo se consomem.

Romeu e Julieta, Ato II, Cena VI



## PRÓLOGO

PARECIA QUE EU ESTAVA PRESA EM UM DAQUELES PESADELOS APAVORANTES em que você precisa correr, correr até os pulmões explodirem, mas não consegue fazer com que seu corpo se mexa com rapidez suficiente. Minhas pernas pareciam se mover com uma lentidão cada vez maior à medida que eu lutava para atravessar a multidão insensível, mas os ponteiros do enorme relógio da torre não eram lentos. Com uma força implacável, eles se aproximavam inexoravelmente do fim — do fim de tudo.

Mas isso não era um sonho, e, ao contrário do pesadelo, eu não estava correndo para salvar a *minha* vida; eu corria para salvar algo infinitamente mais precioso. Hoje minha própria vida pouco significava para mim.

Alice dissera que havia uma boa possibilidade de que morrêssemos ali. Talvez fosse diferente se ela não estivesse na armadilha que era a luz do sol intensa; só eu estava livre para correr por aquela praça cintilante e abarrotada.

E eu não conseguia correr com rapidez suficiente.

Então não me importava que estivéssemos cercados de inimigos extraordinariamente perigosos. À medida que o relógio começava a soar a hora, vibrando sob a sola de meus pés lentos, eu sabia que era tarde demais para mim — e fiquei feliz que alguma coisa sedenta de sangue esperasse nos bastidores. Pois, falhando nisso, eu perderia qualquer desejo de viver.

O relógio soou novamente e o sol incidia exatamente do meio do céu.

## 1. FESTA

EU TINHA NOVENTA E NOVE POR CENTO DE CERTEZA DE QUE ESTAVA sonhando.

Os motivos para minha certeza eram que, primeiro, eu estava de pé em um raio brilhante de sol — o sol claro e ofuscante que nunca luzia em minha nova cidade chuvosa, Forks, no estado de Washington — e, segundo, eu olhava minha avó Marie. Vovó morrera havia seis anos, então era uma prova concreta da teoria do sonho.

Minha avó não mudara muito; seu rosto estava exatamente igual ao que eu lembrava. A pele era macia e murcha, dobrando-se em centenas de pequenas rugas que pendiam delicadas. Como um damasco seco, mas com uma nuvem de cabelo branco e espesso se destacando em volta dele.

Nossas bocas — a dela com rugas ressecadas — se estendiam no mesmo meio sorriso de surpresa, exatamente ao mesmo tempo. Aparentemente, ela também não esperava me ver.

Eu estava prestes a lhe fazer uma pergunta; tinha tantas — O que ela estava fazendo ali, no meu sonho? O que ela andara fazendo nos últimos seis anos? Vovô estava bem, e eles se encontraram, onde quer que estivessem? —, mas ela abriu a boca quando tentei falar, então parei para permitir que ela falasse primeiro. Ela fez uma pausa também e depois nós duas sorrimos com o pequeno embaraço.

“Bella?”

Não era vovó que chamava meu nome, e nós duas nos viramos para ver quem se unira a nossa reuniãozinha. Não precisava olhar para saber quem era; aquela era uma voz que eu reconheceria em qualquer lugar — reconheceria e reagiria a ela, quer estivesse acordada ou dormindo... Ou até morta, posso apostar. A voz pela qual eu pisaria em brasas — ou, sendo menos dramática, pela qual eu chapinharia na lama em cada dia de chuva fria e interminável.

Edward.

Embora eu sempre ficasse emocionada ao vê-lo — consciente ou não —, e embora eu *quase* tivesse certeza de que era um sonho, entrei em pânico enquanto Edward se dirigia a nós sob o sol reluzente.

Entre em pânico porque vovó não sabia que eu estava apaixonada por um vampiro — ninguém sabia disso —, então, como eu explicaria o fato de que os feixes brilhantes de sol se dividiam em sua pele em mil fragmentos de arco-íris, como se ele fosse feito de cristal ou diamante?

*Bom, vó, deve ter percebido que meu namorado brilha. É só uma coisa que ele faz no sol. Não se preocupe com isso...*

O que ele estava *fazendo*? O motivo para ele morar em Forks, o lugar mais chuvoso do mundo, era que podia ficar ao ar livre durante o dia sem revelar o segredo de sua família. E no entanto ali estava ele, andando elegantemente em minha direção — com o sorriso mais lindo em seu rosto de anjo, como se eu fosse a única presente.

Nesse segundo, desejei não ser a única exceção a seu misterioso talento; em geral eu me sentia grata por ser a única pessoa cujos pensamentos ele não podia ouvir com clareza, como se fossem pronunciados em voz alta. Mas agora eu queria que ele fosse capaz de me ouvir também, assim poderia escutar o alerta que eu gritava em minha cabeça.

Lancei um olhar de pânico para minha avó e vi que era tarde demais. Ela estava se virando para olhar para mim de novo, os olhos tão alarmados quanto os meus.

Edward — ainda sorrindo daquele jeito tão lindo que fazia meu coração parecer inchar e explodir no peito — pôs o braço em meu ombro e virou-se para olhar minha avó.

A expressão de vovó me surpreendeu. Em vez de parecer apavorada, ela me olhava timidamente, como se esperasse por uma repreensão. E ela estava de pé numa posição tão estranha — um braço afastado canhestramente do corpo, esticado e, depois, envolvendo o ar. Como se estivesse abraçando alguém que eu não podia ver, alguém invisível...

Só então, enquanto eu olhava o quadro como um todo, foi que percebi a enorme moldura dourada que cercava as feições de minha avó. Sem compreender, levantei a mão que não estava na cintura de Edward e a estendi para tocá-la. Ela imitou o movimento com exatidão, espelhando-o. Mas onde nossos dedos deveriam se encontrar não havia nada, a não ser o vidro frio...

Com um sobressalto vertiginoso, meu sonho tornou-se abruptamente um pesadelo.

Não havia vovó alguma.

Aquela era *eu*. Eu em um espelho. Eu — anciã, enrugada e murcha.

Edward estava a meu lado, sem reflexo, lindo de morrer e com 17 anos para sempre.

Ele apertou os lábios perfeitos e gelados em meu rosto desgastado.

— Feliz aniversário — sussurrou.

Acordei assustada — minhas pálpebras se arregalando — e arfante. A luz cinzenta e embaçada, a familiar luz de uma manhã nublada, tomou o lugar do sol ofuscante de meu sonho.

*Um sonho*, disse a mim mesma. *Foi só um sonho*. Respirei fundo e pulei novamente quando meu despertador tocou. O pequeno calendário no canto do mostrador do relógio me informou que era dia 13 de setembro.

Um sonho, mas pelo menos, de certo modo, bastante profético. Era o dia do meu aniversário. Eu tinha oficialmente 18 anos.

Durante meses, tive pavor desse dia.

Por todo o verão perfeito — o verão mais feliz que tive na vida, o verão mais feliz que *qualquer um em qualquer lugar* teria e o verão mais chuvoso da história da península de Olympic — essa triste data ficou de tocaia, esperando para saltar sobre mim.

E, agora que chegara, era ainda pior do que eu temia. Eu podia sentir — eu estava mais velha. A cada dia eu ficava mais velha, mas isto era diferente, era pior, quantificável. Eu tinha 18 anos.

E Edward jamais teria essa idade.

Quando fui escovar os dentes, quase me surpreendi com o fato de que o rosto no espelho não mudara. Olhei para mim mesma, procurando por algum sinal de rugas iminentes em minha pele de marfim. Mas os únicos vincos eram os da minha testa, e eu sabia que, se conseguisse relaxar, eles desapareceriam. Não consegui. Minhas sobrancelhas se alojaram em uma linha de preocupação acima de meus angustiados olhos castanhos.

*Foi só um sonho*, lembrei a mim mesma de novo. Só um sonho... Mas também meu pior pesadelo.

Não tomei o café-da-manhã, com pressa para sair de casa o mais rápido possível. Não fui inteiramente capaz de evitar meu pai e tive de passar alguns minutos fingindo-me animada. Tentei ficar empolgada de verdade com os presentes que eu pedira para ele não comprar para mim, mas sempre que eu tinha de sorrir, parecia que podia começar a chorar.

Lutei para me controlar enquanto dirigia para a escola. A visão de minha avó — eu *não* pensava nela como eu mesma — não saía de minha cabeça. Só o que consegui sentir foi desespero, até que parei no estacionamento conhecido atrás da Forks High School e vi Edward curvado e imóvel sobre seu Volvo prata polido, como um monumento de mármore em homenagem a algum esquecido deus pagão da beleza. O sonho não lhe fizera justiça. E ele esperava ali por *mim*, exatamente como nos outros dias.

O desespero desapareceu por um momento, substituído pela admiração. Mesmo depois de meio ano com ele, eu ainda não acreditava que merecia tanta sorte.

Sua irmã, Alice, estava a seu lado, também esperando por mim.

É claro que Edward e Alice não eram de fato parentes (em Forks, corria a história de que todos os irmãos Cullen tinham sido adotados pelo Dr. Carlisle

Cullen e sua esposa, Esme, os dois indiscutivelmente novos demais para ter filhos adolescentes), mas sua pele tinha exatamente a mesma palidez, os olhos tinham o mesmo tom dourado, com as mesmas olheiras fundas, como hematomas. O rosto de Alice, como o dele, era de uma beleza incrível. Para alguém que sabia — alguém como eu —, essas semelhanças representavam a marca do que eles eram.

A visão de Alice esperando ali — seus olhos caramelo brilhantes de empolgação e um pequeno embrulho prateado nas mãos — deixou-me carrancuda. Eu disse a Alice que não queria nada, *nada mesmo*, nenhum presente, nem mesmo alguma atenção pelo aniversário. Obviamente, meus desejos estavam sendo ignorados.

Bati a porta de minha picape Chevy 53 — uma chuva de ferrugem caiu do teto molhado — e andei devagar na direção deles. Alice pulou à frente para me receber, a cara de fada reluzente sob o cabelo preto e desfiado.

— Feliz aniversário, Bella!

— Shhh! — sibilei, olhando o estacionamento para me certificar de que ninguém a ouvira. A última coisa que eu queria era uma espécie de comemoração do melancólico evento.

Ela me ignorou.

— Quer abrir seu presente agora ou depois? — perguntou ansiosamente enquanto seguíamos para onde Edward ainda esperava.

— Nada de presentes — protestei num murmúrio.

Ela por fim pareceu entender meu estado de espírito.

— Tudo bem... Mais tarde, então. Gostou do álbum que sua mãe mandou para você? E a câmera de Charlie?

Suspirei. É claro que ela saberia quais eram meus presentes de aniversário. Edward não era o único membro da família com habilidades incomuns. Alice teria “visto” o que meus pais planejavam assim que eles tomaram a decisão.

— É. São ótimos.

— *Eu* acho que é uma ótima idéia. Só se chega ao último ano da escola uma vez. Pode muito bem documentar a experiência.

— Quantas vezes *você* fez o último ano?

— Isso é diferente.

Chegamos então perto de Edward e ele estendeu a mão para mim. Eu a peguei ansiosa, esquecendo-me, por um momento, de meu mau humor. Sua pele, como sempre, era suave, dura e muito fria. Ele apertou meus dedos com delicadeza. Olhei em seus claros olhos de topázio e meu coração sentiu um aperto não tão delicado. Ouvindo meu coração vacilar, ele sorriu de novo.

Ele ergueu a mão livre e, ao falar, acompanhou o contorno de meus lábios com a ponta do dedo frio.

— E então, como discutimos, não tenho permissão para lhe desejar um feliz aniversário, é isso mesmo?

— É. É isso mesmo. — Eu não conseguia imitar o ritmo de sua pronúncia perfeita e formal. Era algo que só poderia ter sido adquirido em um século anterior.

— Só estou verificando. — Ele passou a mão no cabelo desganhado cor de bronze. — Você *bem que podia* ter mudado de idéia. A maioria das pessoas parece gostar de aniversários e presentes.

Alice riu e o som era todo prata, um sino de vento.

— É claro que você vai gostar. Todo mundo deve ser gentil com você hoje e fazer suas vontades, Bella. Qual é a pior coisa que pode acontecer? — Sua pergunta era retórica.

— Ficar mais velha — ainda assim respondi, e minha voz não era tão estável como eu queria que fosse.

A meu lado, o sorriso de Edward se estreitou em uma linha rígida.

— Dezoito anos não é muito velha — disse Alice. — Em geral as mulheres não esperam até ter 29 para se aborrecer com os aniversários?

— É mais do que Edward — murmurei.

Ele suspirou.

— Tecnicamente — disse ela, mantendo o tom leve. — Mas só por um ano.

E eu imaginei... Se eu pudesse ter *certeza* do futuro que queria, certeza de que passaria a eternidade com Edward, Alice e os demais Cullen (de preferência não como uma velhinha enrugada)... Então um ou dois anos a mais ou a menos não me importariam tanto. Mas Edward era rigorosamente contra qualquer futuro que me alterasse. Qualquer futuro que me tornasse igual a ele — que me tornasse imortal também.

Um impasse, ele tinha dito.

Para ser franca, eu não conseguia entender o argumento de Edward. O que havia de tão bom na mortalidade? Ser um vampiro não parecia tão terrível — não como faziam os Cullen, pelo menos.

— A que horas você vai estar em casa? — continuou Alice, mudando de assunto. A julgar por sua expressão, ela estava aprontando exatamente o tipo de coisa que eu esperava evitar.

— Não sei se vou para casa.

— Ah, por favor, Bella! — reclamou ela. — Não vai estragar toda a nossa diversão desse jeito, vai?

— Pensei que no meu aniversário eu pudesse fazer o que *eu* quisesse.

— Eu vou apanhá-la em casa logo depois da escola — disse-lhe Edward, ignorando-me completamente.

— Tenho que trabalhar — protestei.

— Na verdade, não tem — disse-me Alice, convencida. — Já falei com a Sra. Newton sobre isso. Ela vai trocar seus turnos. E me pediu para lhe dizer “Feliz aniversário”.

— E-eu ainda não posso ir — gaguejei, procurando uma desculpa. — Eu, bom, ainda não vi *Romeu e Julieta* para a aula de inglês.

Alice bufou.

— Você conhece *Romeu e Julieta* de cor.

— Mas o Sr. Berty disse que precisávamos ver uma representação para apreciá-lo plenamente... Era o que Shakespeare pretendia.

Edward revirou os olhos.

— Você já viu o filme — acusou Alice.

— Mas não a versão dos anos 60. O Sr. Berty disse que era a melhor.

Por fim, Alice perdeu o sorriso presunçoso e me fitou.

— Isso pode ser fácil ou pode ser difícil, Bella, mas de uma forma ou de outra...

Edward interrompeu sua ameaça.

— Relaxe, Alice. Se Bella quer ver um filme, então pode ver. É o aniversário dela.

— Viu? — acrescentei.

— Vou levá-la por volta das sete — continuou ele. — Isso lhe dará bastante tempo para preparar tudo.

O riso de Alice repicou de novo.

— Parece ótimo. Nos vemos à noite, Bella! Vai ser divertido, você verá.

Ela sorriu com malícia — o sorriso largo expôs todos os dentes perfeitos e reluzentes —, depois me deu um beliscão na bochecha e desapareceu para sua primeira aula antes que eu pudesse responder.

— Edward, por favor... — comecei a pedir, mas ele colocou um dedo frio em meus lábios.

— Discutiremos isso mais tarde. Vamos nos atrasar para a aula.

Ninguém se incomodou em olhar para nós enquanto assumíamos nossos lugares de sempre no fundo da sala (agora assistíamos a quase todas as aulas juntos — eram incríveis os favores que Edward conseguia que as mulheres da secretaria fizessem para ele). Edward e eu estávamos juntos havia tempo demais para ainda sermos objeto de fofoca. Nem Mike Newton se incomodava mais em me lançar o olhar de mau humor que antigamente me fazia sentir meio culpada. Ele agora sorria, e fiquei feliz por ele parecer ter aceitado que podíamos ser só amigos. Mike mudara no verão — estava menos rechonchudo, as maçãs do rosto mais proeminentes e o cabelo louro-claro estava diferente; em vez de arrepiado, estava mais comprido e com gel, em uma desordem cuidadosamente casual. Era fácil ver de onde vinha sua inspiração — mas o visual de Edward não era algo que se pudesse imitar.

À medida que o dia avançava, pensei em maneiras de me livrar do que quer que estivesse para acontecer na casa dos Cullen à noite. Já seria bem ruim ter de comemorar quando meu humor era colocar luto. Mas, pior do que isso, aquilo, com certeza, envolveria atenção e presentes.

Nunca é bom ter atenção, como concordaria qualquer outro desajeitado com tendência a sofrer acidentes. Ninguém quer um refletor sobre si quando é provável que vá cair de cara no chão.

E eu insisti — bom, na verdade ordenei — que ninguém me desse nenhum presente este ano. Aparentemente, Charlie e Renée não foram os únicos que decidiram ignorar isso.

Nunca tive muito dinheiro, e isso nunca me incomodou. Renée me criou com salário de professora de jardim-de-infância. Charlie também não ia enriquecer com seu emprego — ele era o chefe de polícia daqui, da cidadezinha de Forks. Minha única renda vinha dos três dias da semana em que

eu trabalhava na loja de artigos esportivos da cidade. Em uma cidade tão pequena, eu tinha sorte por ter um emprego. Cada centavo que ganhava ia para meu microscópico fundo de universidade. (A universidade era o Plano B. Eu ainda esperava pelo Plano A, mas Edward teimava tanto em me deixar humana...)

Edward tinha *muito* dinheiro — eu nem queria pensar em quanto. O dinheiro não significava quase nada para ele e para os demais Cullen. Era só algo que se acumulava quando se tinha tempo ilimitado nas mãos e uma irmã com uma capacidade misteriosa de prever tendências no mercado de ações. Edward não parecia entender por que eu fazia objeção a ele gastar dinheiro comigo — por que me deixava pouco à vontade quando me levava a um restaurante caro em Seattle, por que não podia comprar para mim um carro que pudesse atingir mais de 90km/h, ou por que eu não deixaria que ele pagasse os custos da minha universidade (ele era ridiculamente entusiasmado com o Plano B). Edward pensava que eu estava sendo difícil sem necessidade.

Mas como eu podia deixar que ele me desse presentes quando eu não tinha nada para dar em troca? Ele, por algum motivo insondável, queria ficar comigo. Qualquer coisa que me desse além disso só aumentava ainda mais as diferenças entre nós.

Com o passar do dia, nem Edward nem Alice voltaram a comentar o tema de meu aniversário, e eu comecei a relaxar um pouco.

Nós nos sentamos à nossa mesa de sempre no almoço.

Havia uma espécie estranha de trégua naquela mesa. Nós três — Edward, Alice e eu — sentávamos no extremo sul da mesa. Agora que os irmãos Cullen mais “velhos”, e de certa forma mais assustadores (no caso de Emmett, certamente), tinham se formado, Alice e Edward não pareciam intimidar tanto e não nos sentávamos sozinhos. Meus outros amigos — Mike e Jessica (que estavam na estranha fase de amizade pós-término), Angela e Ben (cuja relação sobreviveu ao verão), Eric, Conner, Tyler e Lauren (embora esta última não contasse de fato na categoria amizade) — sentavam-se à mesma mesa do outro lado de uma fronteira invisível. Essa fronteira se dissolvia nos dias de sol, quando Edward e Alice sempre matavam aula, e então a conversa passava com facilidade a me incluir.

Edward e Alice não achavam esse ostracismo estranho nem doloroso, como eu teria achado. Eles mal percebiam. As pessoas sempre se sentiam estranhamente pouco à vontade com os Cullen, quase com medo, por algum motivo que não conseguiam explicar a si mesmas. Eu era uma rara exceção a essa regra. Às vezes, incomodava a Edward que eu ficasse à vontade perto dele. Ele pensava que era perigoso para minha saúde — uma opinião que eu rejeitava com veemência sempre que ele a verbalizava.

A tarde passou rápido. As aulas terminaram e Edward me acompanhou até a picape, como sempre fazia. Mas dessa vez ele abriu a porta do carona para mim. Alice devia ter levado o carro dele para casa, para que ele pudesse impedir que eu fugisse.

Cruzei os braços e não fiz nenhum movimento para sair da chuva.

— É meu aniversário, não posso dirigir?

— Estou fingindo que não é seu aniversário, como é seu desejo.

— Se não é meu aniversário, então não tenho que ir para a sua casa hoje à noite...

— Muito bem... — Ele fechou a porta do carona e passou por mim para abrir a do motorista. — Feliz aniversário.

— Shhhh — pedi, meio indiferente. Entrei pela porta aberta, querendo que ele aceitasse a outra proposta.

Edward ficou mexendo no rádio enquanto eu dirigia, sacudindo a cabeça, desaprovando.

— Seu rádio tem uma recepção horrível.

Fechei a cara. Eu não gostava quando ele mexia na minha picape. O carro era ótimo — tinha personalidade.

— Quer um bom sistema de som? Dirija seu próprio carro. — Eu estava tão nervosa com os planos de Alice, além de meu humor já sombrio, que as palavras saíram mais ásperas do que pretendia. Quase nunca me exaltava com Edward, e meu tom de voz o fez apertar os lábios para conter o riso.

Quando estacionei diante da casa de Charlie, ele pegou meu rosto entre as mãos. Agia com muito cuidado comigo, colocando a ponta dos dedos de modo suave em minhas têmporas, nas maçãs do rosto, na linha do queixo. Como se eu fosse especialmente quebradiça. O que era exatamente a verdade — comparada com ele, pelo menos.

— Devia estar de bom humor, hoje é o seu dia — sussurrou ele. Seu hálito doce soprava em meu rosto.

— E se eu não quiser ficar de bom humor? — perguntei, minha respiração irregular.

Seus olhos dourados arderam.

— Isso é péssimo.

Minha cabeça já estava girando quando ele se aproximou mais de mim e colocou os lábios gelados nos meus. Como era a intenção dele, sem dúvida, eu me esqueci de todas as preocupações e me concentrei em lembrar como respirar.

Sua boca pairou na minha, fria, suave e gentil, até que passei os braços por seu pescoço e me atirei no beijo com um pouco de entusiasmo demais. Pude sentir os lábios dele se curvarem para cima enquanto ele se afastava de meu rosto e tentava sair do meu abraço.

Edward traçara limites muito cuidadosos para nossa relação física, com a intenção de me manter viva. Embora respeitasse a necessidade de preservar uma distância segura entre minha pele e seus dentes afiados, cobertos de veneno, eu tendia a me esquecer de questões banais como essa quando ele me beijava.

— Seja boazinha, por favor — sussurrou ele em minha bochecha. Ele apertou os lábios com delicadeza contra os meus mais uma vez e se afastou, cruzando meus braços em minha barriga.

Minha pulsação martelava nos ouvidos. Coloquei a mão no coração. Ele batia rápido demais sob minha palma.

— Acha que um dia vou superar isso? — perguntei, principalmente para mim mesma. — Que meu coração um dia vai parar de tentar pular do peito sempre que você tocar em mim?

— Eu realmente espero que não — disse ele, meio presunçoso.

Revirei os olhos.

— Vamos ver os Capuleto e os Montéquio se dilacerando, está bem?

— Seu desejo é uma ordem.

Edward se esparramou no sofá enquanto eu passava o filme, acelerando nos créditos de abertura. Quando me empoleirei na beira do sofá na frente dele, ele passou os braços em minha cintura e me puxou para seu peito. Não

era exatamente tão confortável quanto um sofá, com seu peito duro e frio — e perfeito — como uma escultura de gelo, mas com certeza eu preferia isso. Ele puxou a velha manta oriental do encosto do sofá e me envolveu com ela, para que eu não congelasse junto de seu corpo.

— Sabe, nunca tive muita paciência com Romeu — comentou ele enquanto o filme começava.

— O que há de errado com Romeu? — perguntei, meio ofendida. Romeu era um de meus personagens de ficção preferidos. Até conhecer Edward, eu tinha uma espécie de queda por ele.

— Bem, antes de tudo, ele está apaixonado por essa Rosalina... Não acha que isso o deixa meio volúvel? E então, minutos depois do casamento, ele mata o primo de Julieta. Não é muito inteligente. Um erro depois do outro. Será que ele poderia destruir a própria felicidade de uma forma mais completa?

Eu suspirei.

— Quer que eu veja o filme sozinha?

— Não, vou assistir com você, de qualquer jeito. — Seus dedos traçaram desenhos em meu braço, me provocando arrepios. — Vai chorar?

— É provável — admiti —, se eu estiver prestando atenção.

— Então não vou distraí-la.

Mas senti seus lábios em meu cabelo, e esta era uma distração e tanto.

O filme, enfim, prendeu minha atenção, graças em grande parte às falas de Romeu que Edward sussurrava em meu ouvido — sua voz irresistível de veludo fazia com que a voz do ator parecesse fraca e grosseira. E eu chorei, para divertimento dele, quando Julieta acordou e descobriu o novo marido morto.

— Devo admitir que tenho um pouco de inveja dele aqui — disse Edward, secando minhas lágrimas com uma mecha do meu cabelo.

— Ela é linda.

Ele fez um som de repulsa.

— Não o invejo por causa da *garota*... Só pela facilidade do suicídio — esclareceu num tom de provocação. — Para vocês, humanos, é tão fácil! Só o que precisam fazer é engolir um vidrinho de extratos de ervas...

— Como é? — ofeguei.

— Foi uma idéia que tive certa vez e eu sabia, pela experiência de Carlisle, que não seria simples. Nem tenho certeza de quantas maneiras Carlisle

tentou se matar no começo... Depois de perceber no que se transformara... — Sua voz, que se tornara séria, ficou leve de novo. — E ele claramente ainda goza de excelente saúde.

Virei-me para poder ver seu rosto.

— Do que está falando? — perguntei. — O que quer dizer, essa história de que pensa nisso de vez em quando?

— Na primavera passada, quando você estava... quase morta... — Ele parou para tomar fôlego, lutando para recuperar o tom de brincadeira. — É claro que eu tentava me concentrar em encontrar você viva, mas parte de minha mente fazia planos alternativos. Como eu disse, não é fácil para mim, como é para um humano.

Por um segundo, a lembrança de minha última viagem a Phoenix passou por minha cabeça e me deixou tonta. Eu podia ver tudo com tanta clareza — o sol ofuscante, as ondas de calor saindo do concreto enquanto eu corria com uma pressa desesperada para encontrar o vampiro sádico que queria me torturar até a morte. James, esperando na sala de espelhos com minha mãe de refém — ou assim eu pensava. Eu não sabia que era tudo um ardil. Assim como James não sabia que Edward estava correndo para me salvar. Edward daquela vez conseguira, mas foi por pouco. Sem pensar, meus dedos acompanharam a cicatriz em crescente lunar em minha mão, que sempre ficava alguns graus mais fria do que o restante de minha pele.

Sacudi a cabeça — como se eu pudesse me livrar das lembranças ruins — e tentei entender o que Edward dizia. Meu estômago afundou de um jeito desagradável.

— Planos alternativos? — repeti.

— Bem, eu não ia viver sem você. — Ele revirou os olhos como se este fato fosse óbvio até para uma criança. — Mas não tinha certeza de como *fazer*... Eu sabia que Emmett e Jasper não me ajudariam... Então pensei em talvez ir à Itália e fazer algo para provocar os Volturi.

Não podia acreditar que ele falava sério, mas seus olhos dourados estavam pensativos, focalizados em alguma coisa distante enquanto ele refletia sobre as maneiras de acabar com a própria vida. Abruptamente, fiquei furiosa.

— O que é um *Volturi*? — perguntei.

— Os Volturi são uma família — explicou ele, os olhos ainda distantes. — Uma família muito antiga e muito poderosa de nossa espécie. São a coisa

mais próxima que nosso mundo tem de uma família real, imagino. Carlisle morou com eles por pouco tempo em seus primeiros anos, na Itália, antes de se estabelecer na América... Lembra a história?

— É claro que lembro.

Eu nunca me esqueceria da primeira vez que fui à casa dele, a enorme mansão branca bem no fundo da floresta, ao lado do rio, ou a sala em que Carlisle — pai de Edward de tantas maneiras genuínas — mantinha uma parede de pinturas que ilustravam sua história. A tela mais vívida, a mais colorida dali, a maior, era da época de Carlisle na Itália. É claro que eu me lembrava do tranqüilo quarteto de homens, cada um deles com um extraordinário rosto de serafim, pintados no balcão mais alto que dava para o violento torvelinho de cores. Embora a tela tivesse séculos, Carlisle — o anjo louro — continuava inalterado. E eu me lembrava dos outros três, os primeiros companheiros de Carlisle. Edward nunca usou o nome *Volturi* para o belo trio, dois de cabelos escuros, um de cabelos brancos. Ele os chamou de Aro, Caius e Marcus, patronos noturnos das artes...

— De qualquer modo, não se deve irritar os Volturi — prosseguiu Edward, interrompendo meus devaneios. — A não ser que se queira morrer... Ou o que quer que aconteça conosco. — Sua voz era tão calma que o fazia parecer quase entediado com a perspectiva.

Minha raiva transformou-se em pavor. Peguei seu rosto marmóreo entre as mãos e o segurei com força.

— Você nunca, nunca, jamais pense em nada parecido de novo! — eu disse. — Não importa o que possa acontecer comigo, você *não pode* se machucar!

— Eu jamais a colocarei em risco de novo, então esta é uma discussão inútil.

— Me *colocar* em risco! Pensei que tínhamos combinado que todo o azar era minha culpa. — Eu estava ficando com mais raiva. — Como se atreve a pensar desse jeito? — A idéia de Edward deixando de existir, mesmo que eu estivesse morta, era impossivelmente dolorosa.

— O que você faria, se a situação se invertesse? — perguntou ele.

— Não é o mesmo caso.

Ele não pareceu entender a diferença. Edward riu.

— E se alguma coisa acontecer com você? — Empalideci com a idéia.  
— Gostaria que eu *acabasse* comigo mesma?

Um vestígio de dor tocou seus traços perfeitos.

— Acho que entendo seu argumento... Um pouco — admitiu ele. — Mas o que eu faria sem você?

— O que estava fazendo antes de eu aparecer e complicar sua vida.

Ele suspirou.

— Parece tão fácil, do jeito que você fala.

— Devia ser. Eu não sou assim tão interessante.

Ele estava prestes a discutir, mas deixou passar.

— Discussão inútil — lembrou-me.

De repente, ele se colocou numa postura mais formal, passando-me para o lado para que não nos tocássemos mais.

— Charlie? — adivinhei.

Edward sorriu. Depois de um minuto, ouvi o som da radiopatrulha parando na entrada de carros. Peguei a mão dele com firmeza. Meu pai podia lidar com aquilo.

Charlie entrou segurando uma caixa de pizza.

— Oi, pessoal. — Ele sorriu para mim. — Pensei que ia gostar de uma folga da cozinha e dos pratos em seu aniversário. Está com fome?

— Claro. Obrigada, pai.

Charlie não comentou a aparente falta de apetite de Edward. Ele estava acostumado a ver Edward desprezar o jantar.

— Importa-se se eu pegar Bella emprestada esta noite? — perguntou Edward quando Charlie e eu terminamos.

Olhei cheia de esperança para Charlie. Talvez ele pensasse em aniversários como um programa de família que era passado em casa — era meu primeiro aniversário com ele, o primeiro aniversário desde que minha mãe, Renée, casara-se de novo e fora morar na Flórida, então eu não sabia o que ele esperava.

— Tudo bem... Os Mariners vão jogar contra os Sox esta noite — explicou Charlie, e minha esperança desapareceu. — Então não serei boa companhia... Toma. — Ele pegou a câmera que tinha comprado por sugestão de Renée (porque eu precisava de fotos para encher meu álbum) e a atirou para mim.

Ele devia saber muito bem — sempre tive problemas de coordenação. A câmera raspou na ponta de meus dedos e ia caindo no chão. Edward a pegou antes que se espatifasse no piso.

— Boa pegada — observou Charlie. — Se fizerem alguma coisa divertida na casa dos Cullen hoje, Bella, devia tirar umas fotos. Sabe como sua mãe é... Ela vai querer ver as fotos mais rápido do que você pode tirá-las.

— Boa idéia, Charlie — disse Edward, passando-me a câmera.

Liguei a câmera apontada para Edward e bati a primeira foto.

— Funciona.

— Que bom. Ei, dê um alô a Alice por mim. Ela não tem aparecido. — A boca de Charlie se repuxou em um canto.

— Faz três dias, pai — lembrei a ele. Charlie era louco por Alice. Ele ficou ligado a ela na última primavera, quando ela o ajudara em minha convalescença; Charlie lhe seria eternamente grato por tê-lo poupado do horror de uma filha quase adulta que precisava de ajuda no banho. — Vou dizer a ela.

— Tudo bem. Divirtam-se. — Era claramente uma dispensa. Charlie já estava indo para a sala de estar e a tevê.

Edward sorriu, triunfante, e pegou minha mão para me puxar da cozinha.

Quando entramos na picape, ele abriu a porta do carona para mim de novo e, desta vez, não discuti. Ainda tinha dificuldades para encontrar o discreto desvio para a casa dele no escuro.

Edward dirigiu para o norte, atravessando Forks, visivelmente forçando o limite de velocidade de meu Chevy pré-histórico. O motor gemeu ainda mais alto do que de costume enquanto ele o forçava a chegar a 80km/h.

— Vá com calma — alertei.

— Sabe o que você ia adorar? Um pequeno e lindo cupê Audi. Muito silencioso, muita potência...

— Não há nada de errado com minha picape. E por falar em supérfluos caros, se sabe o que é bom para você, não gaste dinheiro nenhum com presentes de aniversário.

— Nem um centavo — disse ele castamente.

— Ótimo.

— Pode me fazer um favor?

— Depende do que for.

Ele suspirou. Seu lindo rosto agora estava sério.

— Bella, o último aniversário de verdade que tivemos foi o de Emmett, em 1935. Relaxe um pouco e não seja difícil demais esta noite. Todos estão muito animados.

Sempre me surpreendia um pouco quando ele colocava a situação desse jeito.

— Tudo bem, vou me comportar.

— Preciso avisá-la...

— Por favor.

— Quando eu digo que estão todos animados... Quero dizer *todos* eles.

— Todos? — sufoquei. — Pensei que Emmett e Rosalie estivessem na África. — O restante de Forks pensava que os mais velhos dos Cullen tinham ido para a universidade este ano, para Dartmouth, mas eu sabia da verdade.

— Emmett queria estar aqui.

— Mas... Rosalie?

— Eu sei, Bella. Não se preocupe, ela vai se comportar bem.

Não respondi. Como se eu pudesse *não* ficar preocupada tão facilmente. Ao contrário de Alice, a outra irmã “adotiva” de Edward, a loura dourada e maravilhosa Rosalie, não gostava muito de mim. Na verdade, o sentimento era um pouco mais forte do que só a antipatia. No que dizia respeito a Rosalie, eu era uma intrusa indesejada na vida secreta de sua família.

Senti um remorso terrível pela situação, imaginando que a prolongada ausência de Rosalie e de Emmett era minha culpa, mesmo que no fundo me agradasse não precisar vê-la. De Emmett, o irmão de Edward que era um urso brincalhão, eu *tinha* saudade. De muitas maneiras, ele era como o irmão mais velho que eu sempre quis... Só que muito, muito mais apavorante.

Edward decidiu mudar de assunto.

— E, então, já que não me deixa comprar o Audi para você, não há nada que gostaria de aniversário?

As palavras saíram num sussurro.

— Você sabe o que eu quero.

Uma ruga funda vincou sua testa de mármore. Ele, obviamente, preferia ter continuado no assunto de Rosalie.

Parecia que íamos discutir muito hoje.

— Hoje não, Bella, por favor.

— Bom, talvez Alice me dê o que eu quero.

Edward grunhiu — um som grave e ameaçador.

— Este não será seu último aniversário, Bella — jurou ele.

— Isso não é justo!

Pensei ter ouvido seus dentes trincarem.

Agora estávamos parando na casa dele. Uma luz forte saía de cada janela dos dois primeiros andares. Uma longa fila de lanternas japonesas reluzentes pendia do beiral da varanda, refletindo uma radiância suave nos enormes cedros que cercavam a casa. Vasos grandes de flores — rosas cor-de-rosa — ladeavam a escada larga até a porta da frente.

Eu gemi.

Edward respirou fundo algumas vezes para se acalmar.

— Isto é uma festa — lembrou-me ele. — Procure levar na esportiva.

— Claro — murmurei.

Ele veio até minha porta e me ofereceu a mão.

— Tenho uma pergunta.

Ele esperou, preocupado.

— Se eu revelar este filme — disse, brincando com a câmera nas mãos —, vocês vão aparecer nas fotos?

Edward começou a rir. Ajudou-me a sair do carro, empurrou-me pela escada e ainda estava rindo enquanto abria a porta para mim.

Todos esperavam na enorme sala de estar branca; quando passei pela porta, eles me receberam com um coro alto de “Parabéns pra você” enquanto eu corava e olhava para baixo. Alice, imaginei, tinha coberto cada superfície plana da casa com velas cor-de-rosa e dezenas de vasos de cristal repletos de centenas de rosas. Havia uma mesa com uma toalha branca ao lado do piano de cauda de Edward com um bolo de aniversário cor-de-rosa, mais rosas, uma pilha de pratos de vidro e outra, pequena, de presentes embrulhados em papel prateado.

Era cem vezes pior do que eu imaginara.

Edward, sentindo minha angústia, passou um braço encorajador em minha cintura e beijou o alto de minha cabeça.

Os pais de Edward, Carlisle e Esme — incrivelmente jovens e lindos, como sempre —, eram os que estavam mais perto da porta. Esme me abraçou com cuidado, o cabelo macio cor de caramelo roçando meu rosto enquanto ela me dava um beijo na testa, e depois Carlisle pôs o braço em meus ombros.

— Desculpe por isso, Bella — ele sussurrou. — Não conseguimos re-frear Alice.

Rosalie e Emmett estavam atrás deles. Rosalie não sorriu, mas pelo menos não me encarou. O rosto de Emmett estava esticado em um sorriso enorme. Fazia meses desde que eu os vira; tinha me esquecido de como Rosalie era gloriiosamente bonita — quase doía olhar para ela. E será que Emmett sempre fora tão... *grande*?

— Você não mudou nada — disse Emmett com uma falsa decepção. — Eu esperava uma diferença perceptível, mas aqui está você, com a cara vermelha de sempre.

— Muito obrigada, Emmett — eu disse, corando ainda mais.

Ele riu.

— Preciso sair por um segundo. — Ele parou para dar uma piscadela para Alice. — Não faça nada de divertido na minha ausência.

— Vou tentar.

Alice soltou a mão de Jasper e pulou para a frente, todos os dentes cintilando na luz intensa. Jasper sorriu também, mas manteve distância. Ele se encostou, longo e louro, no pilar ao pé da escada. Nos dias que tivemos de passar juntos em Phoenix, pensei que ele tivesse superado sua aversão por mim, mas ele voltara a agir do mesmo modo que antes — evitando-me ao máximo — no momento em que se livrou da obrigação temporária de me proteger. Eu sabia que não era pessoal, só uma precaução, e tentava não ser muito sensível a isso. Jasper tinha mais problemas para se prender à dieta dos Cullen do que o restante deles; era muito mais difícil para ele resistir ao cheiro de sangue humano do que para os outros — ele não havia tentado por tanto tempo.

— Hora de abrir os presentes — declarou Alice. Ela pôs a mão fria sob meu cotovelo e me conduziu à mesa com o bolo e os pacotes cintilantes.

Fiz a melhor cara de mártir que pude.

— Alice, pensei ter dito a você que não queria nada...

— Mas eu não dei ouvidos — interrompeu ela, presunçosa. — Abra. — Ela tirou a câmera de minha mão e a substituiu por uma caixa prateada grande e quadrada.

A caixa era tão leve que parecia vazia. A etiqueta em cima dizia que era de Emmett, Rosalie e Jasper. Constrangida, rasguei o papel de presente e olhei a caixa que ele abrigava.

Era algum produto eletrônico, com um nome cheio de números. Abri a caixa, esperando por mais esclarecimentos. Mas a caixa *estava mesmo* vazia.

— Hmm... Obrigada.

Rosalie realmente deu uma risadinha. Jasper riu.

— É um sistema de som para sua picape — explicou ele. — Emmett está instalando agora mesmo para que você não possa devolver.

Alice sempre estava um passo além de mim.

— Obrigada, Jasper, Rosalie — eu lhes disse, sorrindo enquanto me lembrava das reclamações de Edward de meu rádio naquela tarde; tudo armação, ao que parecia. — Obrigada, Emmett! — gritei mais alto.

Ouvi sua risada estrondosa vinda de meu carro e não consegui deixar de rir também.

— Abra agora o meu e de Edward — disse Alice, tão empolgada que sua voz era uma melodia aguda. Ela segurava uma caixa quadrada e pequena.

Eu me virei para Edward com um olhar venenoso.

— Você prometeu.

Antes que ele pudesse responder, Emmett irrompeu pela porta.

— Bem a tempo! — gritou ele. Ele se espremeu ao lado de Jasper, que também tinha chegado mais perto do que o habitual para ver melhor.

— Não gastei um centavo — garantiu-me Edward. Ele tirou uma mecha de cabelo de meu rosto, deixando minha pele formigando com seu toque.

Respirei fundo e me virei para Alice.

— Pode me dar — suspirei.

Emmett riu de prazer.

Peguei o pacotinho, revirando os olhos para Edward enquanto passava o dedo sob a beira do papel e o puxava da fita.

— Droga — murmurei quando o papel cortou meu dedo. Puxei-o para examinar os danos. Uma única gota de sangue saía do corte minúsculo.

Então tudo aconteceu com muita rapidez.

— Não! — rugiu Edward.

Ele se atirou sobre mim, jogando-me de costas contra a mesa. Ela desabou, como eu, espalhando o bolo e os presentes, as flores e os pratos. Aterrissei na bagunça de cristal espatifado.

Jasper se lançou sobre Edward e o som era como o estrondo de pedregulhos rolando em uma ladeira.

Houve outro barulho, um grunhido terrível que parecia vir do fundo do peito de Jasper. Ele tentou passar por Edward, batendo os dentes a centímetros do rosto dele.

Emmett pegou Jasper por trás no segundo exato, fechando-o em um aperto de aço, mas Jasper lutava, os olhos desvairados e vazios focalizados só em mim.

Além do choque, também houve dor. Eu tombei no chão junto ao piano, com os braços estendidos instintivamente para me proteger dos cacos de vidro na queda. Só então senti a lancinante dor em brasa que subia de meu punho até a dobra de meu cotovelo.

Tonta e desorientada, desviei a atenção do sangue vermelho e brilhante que jorrava de meu braço — e olhei nos olhos febris dos seis vampiros repentinamente vorazes.